

«DIZER A VERDADE É UM PRECONCEITO MESQUINHO E BURGUÊS; UMA MENTIRA POR OUTRO LADO, É MUITAS VEZES JUSTIFICADA PELOS SEUS FINS».

(Lénine, Carta a Tchitchenine).

(Preço avulso: 5\$00) N.º 690  
ANO XXVI 31/8/78

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULE

## II - A VALORIZAÇÃO DA MADEIRA DE OLIVEIRA

Continuamos a dar impressões económicas sobre uma visita feita há um ano à ilha de Maiorca, no Mediterrâneo, com vista, como lá se faz, à maior entrada de divisas. Depois da visita às célebres grutas de estalactites e estalagmitas de Drach, onde se assiste a um lindo espetáculo de luz e som, num lago subterrâneo alimentado pela água do mar, com que confina — e onde intervém a música de Chopin que, em 1848, procurou a saúde na citada Ilha — visitámos uma oficina e loja, tipo livre-serviço, de nome Art-Olivo. Aqui vendem-se numerosos objectos de utilidade doméstica, assim como artísticos, fabricados em madeira de oliveira, onde se ad-

### CASTRO MARIM erige monumento à música

Em data recente, fazendo gala da sua particular estima pela arte musical, Castro Marim, erigiu um monumento de homenagem a todos os que dela fizeram tanto um motivo de episódica recreação, como um meio requintado e exímio de a sublimar.

O monumento é constituído por (continua na pág. 5)

### MONUMENTO EM COIMBRA A ANTÓNIO ALEIXO

Não nos acusamos a assinalar, ainda que em retrospectiva um tanto ou quanto diferida e abreviada e homenagem prestada pelo Centro Hospitalar de Coimbra (no dia 30 de Julho último) ao poeta António Aleixo e ao dr. Armando Gonçalves, clínico devotadíssimo ao seu postulado que tratou solicitamente do vate algarvio quando naquele estabelecimento hospitalar ali se acolheu em melindroso estado de saúde.

O monumento erguido a António Aleixo é formado por um tronco de árvore exótico e retorcido, tendo na base uma quadra sua e uma dedicatória em que se recorda a sua passagem por aquele Hospital.

Como ressalta, o monumento reveste-se de simbolismo a evocar

mira o engenho e a arte dos artistas maiorquinhos. O custo destes artefactos vai de 100 a 1000 pesetas cada, ou mais, se de pinturas a óleo e aquarela se tratar. Calculámos a sua variação em cerca de cem.

Ao lado da loja vê-se uma oficina mecânica de entalhador e torneiro onde se observam os artis- (continua na pág. 6)

### Porque tanto tarda a Biblioteca-Museu de Loulé?

Dou conta, depois de ler de «fio a pavio», ou seja palavra por palavra, a «comunicação apresentada ao Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, em Lisboa, em 21 de Junho de 1960», pelo ilustre louletano e eminente cientista que foi o Dr. José António Madeira, e que «A Voz de Loulé», por louvável iniciativa reproduziu em separado, naquele mesmo ano, com o título «A Biblioteca-Museu de Loulé e a sua organização», que a ideia e projecto conducentes à sua viabilização em termos concretos é antiga antecedendo até, supomos em muito, a data acima referida.

a vida do poeta, impregnada de agruras e de sofrimento.

As cerimónias, a que assistiram entidades de projeção civil e militar, ornaram-se de solenidade condigna.

(continua na pág. 3)

### A luz de Berlim irradia para todo o Mundo

Durante a sua recente visita à Alemanha Ocidental, o Presidente Jimmy Carter visitou o «Muro da Vergonha» na companhia do Prefeito - Governador de Berlim Ocidental, Dietrich Stobbe e aí pôde

### ECOS das Festas de Verão em Loulé

Dado que à altura da feitura deste jornal não dispunhamos de dados suficientes para traçarmos uma completa apreciação retrospectiva das Festas de Verão em Loulé, informamos os nossos caros leitores, que a mesma sairá na próxima edição deste semanário, de acordo com a relevância que as esmaltram desde o seu lançamento até ao seu termo.

### APONTAMENTO

### Brinca-se, praticamente, com a democracia

Toda a gente sabe, pois não é segredo para ninguém, que a situação portuguesa em África, antes do 25 de Abril, não era insustentável, e que o convívio entre pretos e brancos se praticava normalmente, sem preocupação de cores ou raças. Que a independência daquelas províncias ultramarinas se processaria a seu tempo, dando origem à formação de novos Brasis. Só a Revolução precipitada da rectâguarda e a loucura de certos políticos, provocou

## ARTI - Rádio Televisão Independente

### JÁ É UMA REALIDADE

O Presidente da Comissão Regional de Turismo, Joaquim Manuel Cabrita Neto e o Director de «A Voz de Loulé», figuram entre os sócios fundadores.

Soares ficou de tal forma em pânico, quando a notícia surgiu pela primeira vez na Edição Especial que, apesar de ser domingo, o (continua na pág. 4)



Dr. Guerreiro Murta  
lançou mais um livro

A avolumar a sua extensa obra bibliográfica, acabou recentemente de editar mais um livro, II Adenda às «Evocações», o Dr. José Guerreiro Murta, não obstante os (continua na pág. 6)

### Fundação de Construções Sociais Dr. José António Madeira

Foi recentemente criada, com sede em Quarteira, a Fundação de Construções Sociais Dr. José António Madeira, que tem por objecto «projectar e construir casas de renda social para os pescadores mais necessitados da vila de Olhão».

O benemérito fundador da instituição, ora falecido, desenvolveu actividades científicas e investigacionais de ampla significação deixando no campo jornalista profusa e preciosa colaboração.

Além de outros trabalhos e conferências, o Dr. José António Madeira ocupou-se de assuntos cul-

turais desta Vila. Citamos, desgostadamente, a sua comunicação apresentada ao Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, em Lisboa, a 21 de Junho de 1960, sob o título «A Biblioteca-Museu de Loulé e a sua Organização», a qual constituiu separata de «A Voz de Loulé».

A Fundação supracitada encontra pela frente, dadas as condições carenciais de habitação, um largo sector populacional no caso particular dos trabalhadores do mar, bem necessitados da promoção social que alvitra mitigar.

### FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» do Dr. Ataíde Oliveira

(VER PÁGINA 4)

### COBRANÇAS DE ASSINATURAS

Avisamos os nossos prezados assinantes de que dentro de dias serão postos à cobrança os recibos da assinatura de «A Voz de Loulé».

Considerando que o 1.º semestre já está passado e que o custo anual da assinatura (260\$00) já nem chega para comprar um quilo de carne limpa nem para um quilo de peixe das espécies mais raras, os recibos que vamos pôr

à cobrança serão referentes ao ano de 1978, salvo os de alguns assinantes que já liquidaram o 1.º semestre ou que terão algum resto de 1977.

Devido aos elevados encargos com o serviço de cobrança pelos C.T.T., somos forçados a acrescentar 7\$50 em cada recibo a emitir.

E para que este encargo não re- (continua na pág. 6)

(continua na pág. 2)

B. N. L.  
20.5.78  
DEP. LEG.  
PORTE PAGO

# Notícias do Ameixial

## Suas Feiras e Mercados

Realizou-se no dia 15 de Agosto, mais uma das suas feiras anuais, que são duas, uma no 3º domingo de Maio e a outra no dia 15 de Agosto.

A feira de Agosto, de que estamos a tratar, é muito antiga e tem, certamente, mais de um século de existência; tem vindo a aumentar de importância de ano para ano sendo já hoje uma das mais importantes de toda a serra algarvia e de outras áreas limítrofes do Algarve e Baixo Alentejo.

Com gados de quase todas as espécies, mas em que predomina o gado miúdo: caprino, suíno e lanígero, reportando-me a esta última feira, aqui se viam expostos para venda gados em grande quantidade, tendo-se efectuado muitas e importantes transacções.

Os seus mercados mensais, realizam-se na 1.ª quinta-feira de cada mês, também sempre largamente concorridos.

O crescente aumento que de ano para ano se vem verificando, é devido principalmente à situação privilegiada em que se encontra localizado o Ameixial, não só por ser esta extensa zona

muito abundante em gados de variadas espécies, como também por beneficiar de uma extensa e boa rede de comunicações rodoviárias que põem esta povoação em ligação fácil e permanente com os principais centros de consumo do Algarve; Alentejo e medida capital do País, donde acorrem os compradores que bastante valorizam os nossos mercados e feiras.

Mas não só em gados essa importância se faz sentir, mas também nas numerosas barracas das mais variadas espécies de comércio se vêem vulgarmente estacionadas ao longo de todo o percurso da estrada nacional n.º 2, que em toda a sua extensão atravessa esta aldeia.

De tudo isto um facto existe que nos merece o devido reparo: é o mutismo que se nota em quase todas as publicações, quer respeitantes a estas nossas feiras e mercados, quando outros de somenos importância e nos mais recônditos lugares do País, vêm cuidadosamente mencionados.

De quem é a culpa?

Manuel Francisco Júnior

## HABILITAÇÕES NOTARIAIS

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de 16 do mês corrente, lavrada de fls. 82, v.º a 84, do livro n.º C-54, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Maria Jerónimo Calicó, e marido, José Pires Ramalho Júnior, ocorridos, respectivamente, no dia 22 de Fevereiro de 1956, no sítio da Pedragosa, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, e no dia 13 de Junho de 1975, no Hospital desta vila da Loulé e freguesia dita de S. Clemente, habitualmen-

te residentes, no aludido sítio da Pedragosa e nesta vila, na Rua D. João de Castro, era natural da aludida freguesia de S. Clemente, e ele da freguesia e concelho de Aljustrel, que foram casados um com o outro, em primeiros e únicas núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, que não deixaram testamento, foi habilitada a sua única filha:

Maria Rogélia Calicó Ramalhos, casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com Francisco dos Santos Rodrigues, natural da freguesia dita de S. Clemente, e residente no sítio da Góldra de Cima, da mesma freguesia.

Secretaria Notarial de Loulé, 18 de Agosto de mil novecentos e setenta e oito.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## VERÃO MADEIRA 78

PARTIDAS SEMANAS DE JUNHO A DEZEMBRO  
UMA SEMANA DESDE ESC. 2.990\$00

HÓTEIS	ALOJ.-PEQ. ALMOÇO	MEIA PENSAO	PENSAO COMPLETA
ASTÓRIA	2.990\$00	3.940\$00	4.780\$00
PARQUE	3.990\$00	4.990\$00	—
RENO	4.700\$00	—	—
INTER-ATLAS	4.950\$00	6.200\$00	7.450\$00
MONTE ROSA	5.280\$00	6.580\$00	—
AMÉRICA	5.480\$00	6.990\$00	8.300\$00
SANTA ISABEL	5.560\$00	7.100\$00	8.300\$00
RAGA	5.590\$00	6.990\$00	8.450\$00
APT. DO MAR	6.200\$00	7.780\$00	—
VILA RAMOS	—	8.250\$00	9.750\$00
MAD. PALACIO	6.700\$00	9.100\$00	10.950\$00
SAVOY	7.500\$00	—	—

Os preços incluem: Passagem aérea; Transfers; Recipção Boas-Vindas; Estadia no Hotel na modalidade escolhida; Circuito da Cidade e Pico dos Barcelos; Assistência Permanente; Todas as taxas e... BONUS TURALGARVE.

ABERTOS À HORA DO ALMOÇO  
Informações e Reservas

EM LISBOA  
R. Luciano Cordeiro, 6-C  
Telef. 4 00 08 - 53 82 40

EM LOULÉ  
Praça da República, 98-100  
Telef. 6 21 43 - 8 21 44



## JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-102, da fls. 17, v.º a 20 v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual José Manuel Pescada Correia e mulher, Cidália Maria de Jesus Guerreiro Correia, residentes na Rua João de Deus, n.º 18, 3.º dt., da cidade de Faro, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém do seguinte prédio:

Rústico, constituído por uma courela de terra de semente, com árvores, no sítio do Vale Verde, freguesia de Almansil, concelho de Loulé, confrontando, actualmente, do norte com José Martins Nunes, do sul com estrada da Quinta do Lago, do nascente com Joaquim Guerreiro e do poente com José António Martins da Silva, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número três mil oitocentos e noventa e seis, com o valor matrício de quatrocentos e oitenta escudos, e a que atribuem o de cem mil escudos;

Que este prédio faz parte do descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, sob o número trinta e nove mil e cinqüenta e sete, a folhas cento e trinta e sete, verso, do livro B-cem, e que é titular da referida Inscrição matrícia, Joaquim Guerreiro, de quem eis justificantes o adquiriram; — com efeito,

O prédio supra descrito pertence-lhes por ter sido comprado, ao referido Joaquim Guerreiro e mulher, Virgínia Maria Anselmo ou só Virgínia Anselmo, residentes no sítio de Escanxinas, da freguesia de Almansil, desse concelho, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, por escritura de quatro de Maio do ano corrente, lavrada a folhas noventa, do livro número quatrocentos e cinco, de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial de São Brás de Alportel, pelo preço de cem mil escudos;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo; — a verdade, porém, é que os vendedores, os aludidos Virgínia Anselmo e marido, Joaquim Guerreiro, eram, por sua vez, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrém, do prédio supra descrito, e então vendido, por quanto,

No inventário orfanológico, que foi instaurado e correu seus termos no Tribunal Judicial desta comarca, por

óbito de Manuel Anselmo, que residiu na povoação e freguesia dita de Almansil, — avô dos referidos transmitentes, Virgínia Anselmo e marido, pois já no tempo era casada com o referido Joaquim Guerreiro, foi adjudicado a estes e aos restantes netos, Gertrudes e Laurinda Anselmo e ao filho, Cristóvão Anselmo e mulher, Maria da Glória Ricardo, em comum e na proporção de quarenta e três/duzentos e um avos indivisos para cada um dos netos e de setenta e dois/duzentos e um avos indivisos para o filho, Cristóvão Anselmo e mulher, o prédio no aludido sítio do Vale Verde, nesse inventário descrito sob a verba número dez, de que proveio o supra descrito; — tendo as partilhas desse inventário sido julgadas por sentença de dezasseis de Novembro de mil novecentos e trinta e oito;

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta, procederam todos os comproprietários que acabam de ser mencionados — Cristóvão Anselmo, Virgínia, Gertrudes Anselmo e respectivos cônjuges, e Laurinda Anselmo — a uma divisão e demarcação, meramente verbal e nunca reduzida a escritura pública, do prédio de origem, constante da verba número dez do referido inventário, tendo sido adjudicado e ficado a pertencer aos referidos Cristóvão Anselmo e mulher, em pagamento da sua quota ideal ou fração de setenta e dois/duzentos e um avos, naquele prédio, toda a parte sul — artigo rústico número três mil oitocentos e noventa e oito da referida freguesia de Almansil — e tendo recebido os restantes comproprietários em pagamento da sua quota ideal conjunta de cento e vinte e nova/duzentos e um avos indivisos, toda a parte norte do mesmo prédio; e posteriormente,

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e dois, os comproprietários deste novo prédio, abrangendo toda a parte norte — os transmitentes Virgínia Anselmo e marido, Gertrudes e Laurinda Anselmo e respectivos cônjuges — procederam a uma divisão e demarcação, também meramente verbal e nunca reduzida a escritura pública, deste novo prédio que possuíam em comum, em três novos prédios, tendo sido adjudicado e ficado a pertencer aos transmitentes Virgínia Anselmo e marido — em pagamento da quota ideal ou fração de quarenta e três/cento e vinte e nove avos ou de um terço que haviam ficado a possuir no novo prédio adjudicado pela anterior divisão de facto — o prédio supra descrito e então vendido; — sendo também certo,

Que desde esta segunda divisão, sempre os aludidos Virgínia Anselmo e marido, possuíram a possuir o prédio supra descrito, em nome próprio, e, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercido a sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data da citada escritura de quatro de Maio do ano corrente, também já o haviam adquirido por usucapião;

Que em face do exposto não têm eles justificantes possibilidade de comprovar a aquisição do prédio supra descrito, pelos referidos transmitentes Virgínia Anselmo e marido, pelos meios extrajudiciais normais; — esclarecendo,

Que o prédio constante da verba número dez, do inventário por óbito de Manuel Anselmo, se encontra actualmente descrito na Conservatória do Registo Predial desse concelho, sob o citado número trinta e nove mil e cinqüenta e sete, a folhas cento e trinta e sete, verso, do livro B-cem, e que a sua adjudicação comum, conforme consta daquele inventário e se consignou nesta escritura, está devidamente registada naquela Conservatória, pela inscrição número vinte mil novecentos e noventa e sete, a folhas cinqüenta e seis, do livro G-trinta e um.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 18 de Agosto de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## A luz de Berlim

(continuação da pág. 1)  
da mesma forma, na concepção dos homens livres, que vivem em paz sob governos, que eles mesmos elegeram...

Nós rezamos para que a Alemanha possa ser reunificada. E isso seria a expressão daquilo que a Nação alemã quer. Esperamos que no futuro possamos intensificar a nossa cooperação, nossos objectivos e compromissos em comum — nossas duas grandes e livres nações. Esperamos que nós possamos contribuir com força política, económica e militar para que a causa da liberdade e dos Direitos Humanos possa ser concretizada em todo o mundo.

O Presidente Jimmy Carter concluiu o seu discurso da seguinte forma:

«A luz de Berlim se irradia para todo o mundo, como uma cidade de pessoas livres, da esperança humana e dos Direitos Humanos. Uma cidade sobre a colina, que não pode ficar escondida. Os olhos da Humanidade estão voltados sobre ela: aconteça o que acontecer, Berlim ficará livre».

## EMPREGADO

### PRECISA-SE

Com experiência de balcão em materiais de construção e ferragens.

Nesta redacção se informa.

(2-2)

# RECORDAR É VIVER

Por lamentável troca de originais, saiu no n.º 689 a conclusão da crónica com o título acima quando deveria ter saído a 1.ª parte, o que hoje fazemos.

As nossas desculpas.

Debruçado sobre o peitoril da minha janela, nos meus momentos de ócio e recolhimento, quantas vezes vejo deslizar na minha mente, o já longo rosário dos muitos dias da minha existência.

Quantas vezes também, me sinto como que transportado em gigantesca nave cósmica ao irreal de mundos distantes e a terras que outrora calcurriei, cheio de fé inquebrantável de ver e vencer.

Estava então na força plena da mocidade, no vigor fresco e esguiente de poder correr célebre e confiante em direcção ao futuro ignoto, animado da fé inquebrantável de poder transportar todos os obstáculos e esmagá-los a meus pés quaisquer dificuldades que se antepusessem aos meus honestos designios: sentia então a força e a coragem suficiente para ignorar o que eram impossíveis, que para mim não existiam!

Levado assim nas asas do tempo, esses dias de mocidade plena foram deslizando lenta e inexoravelmente, quase que sem eu o sentir.

Já vão longe! Muito para trás ficaram também esses dias de sonho e aventura; do fantástico e irreal; deixando apenas em seu lugar quase que o vazio completo de um realismo sem atractivos, digamos mesmo sem qualquer interesse para quem, como eu, só no movimento constante e no trabalho árduo do dia a dia, encontrava todos os incentivos que me podiam dar alguma felicidade e certo apego à vida.

Como eu adoro o passado! Não obstante os muitos dias sem uma réstia de sol que se me deparavam pela frente nessa minha longa caminhada por este planeta, mas a adversidade não me quebrava o ânimo mas sim mais e mais incentivava as minhas doces ilusões de ser pensante, plenamente consciente de um alvo a atingir e uma missão a cumprir.

Neste desfilar de confidências íntimas ficar-me-iam bem vincados esses bons e maus relântos que formam o quotidiano da vida e as profundas reminiscências desse passado que só a passagem a uma outra dimensão espiritual poderão apagar para sempre do meu subconsciente.

Outras terras, gentes e factos, como desejaria recordá-los aqui com o merecido relevo em breves linhas e num amplexo de amor e carinho, tê-los ao menos por instantes junto de mim novamente!

Das muitas terras distantes que outrora percorri, uma há que às demais se subpõe e por eleição ainda hoje considero como a minha segunda terra natal, visto que para além da bondade e tratamento simples das suas gentes, ali adquiri no dealbar da minha vida os indispensáveis conhecimentos teóricos e práticos que me lançaram

mais afoitamente em procura de melhores dias:

É Sá da Bandeira uma dessas terras dos meus sonhos de outrora, dum passado sempre presente, que aqui desejo recordar.

Sá da Bandeira, essa outrora bonita e airosa cidade do Sul de Angola, fundada a partir de 1885, pelo marquês de Sá da Bandeira, povoada inicialmente por pessoas oriundas da Ilha da Madeira, em breve se tornou bem conhecida pela amenidade e salubridade do seu clima — sem dúvida dos melhores daquele dilatado território — pela óptima qualidade das suas frutas dos climas tropicais e temperados; pelas suas abundanças nascentes de águas puras e cristalinas, que descendendo vertiginosamente das encostas abruptas da Serra da Chela, à beira da qual esses simpáticos e laboriosos colonos fundaram a sua cidade, precipitavam-se por vezes de elevados socalcos, apertados entre morros que teimosamente pareciam querer impedir-lhes a passagem, formando graciosas e rutilantes cascatas, não muito distantes da cidade, as quais eram muito visitadas por nacionais e estrangeiros, especialmente na época das chuvas.

Esse privilegiado recanto da natureza, a que não faltavam os elevados morros dessa serra que num magesto semicírculo pareciam querer abraçar a cidade, formavam um conjunto turístico grácil e atraente, que fazia por vezes esquecer que se estava em África, concedendo-lhe portanto condições sem rival para a fundação de estâncias de repouso e de cura, para os que não quisessem ou não podessem fazê-lo na Metrópole e era ao mesmo tempo promissor centro turístico, num futuro próximo dos melhores de África, pois nem sequer lhe faltavam ali próximo, extensas reservas de caça (4), contendo as mais variadas espécies da fauna africana, todas elas facilmente acessíveis por ar ou por terra em qualquer época do ano.

Possuía também a cidade um óptimo e moderno Liceu e um conjunto de bons professores, que tanto contribuíram para a expansão da cultura, por toda aquela vasta parcela do nosso Ultramar.

Profundamente radicado no espírito daquelas gentes o seu portuguesismo, os estudantes daquele centro de ensino, faziam gala de nos seus trajes, canções, música e outros aspectos do folclore de um povo, seguirem com todo o rigor as velhas tradições dos seus colegas das margens do Mondego e onde nem sequer faltavam as tradicionais capas negras a esvoaçar ao vento, por todo este conjunto de circunstâncias, a sua cidade alcançou o merecido e honroso título de «Coimbra de Angola».

Estes desbravadores de novas terras eram afáveis e acolhedores, e dando continuidade à boa tradição madeirense, desde logo se dedicaram afincadamente ao desenvolvimento da agricultura e pomicultura, em terras a que até

então a mão do homem não havia tocado, mas grandemente auxiliados por um clima benigno e abundância de águas da chuva e de nascentes, em breve souberam criar um verdadeiro oásis em plena selva, que se foi aos poucos acrescentando com a criação de novos e importantes aglomerados populacionais na mesma região, tais como: Huila; Humpata; Chibia, etc. e a consequente instalação de numerosas fazendas agrícolas, destinadas à cultura de cereais, legumes e criação de gados, a par de belos pomares, onde praticamente se cultivavam quase todas as árvore de fruto dos climas tropicais e temperados, sendo altamente apreciados os seus citrinos: laranjas e tangerinas, especialmente, consideradas das melhores do mundo.

Povo profundamente religioso e tradicionalista, o colono madeirense, soube trazer para ali da sua Ilha, uma imagem da sua venerada Senhora do Monte, para a qual construiriam num alto rochedo sobreiro à cidade uma modesta mas encantadora ermida, onde assiduamente iam prestar-lhe culto e implorar protecção em horas de aflição.

Anualmente, no mês de Agosto, em amplos parques fronteiros à ermida da padroeira, organizavam os mais importantes festejos da Colónia, em sua honra, com vistosos e caros fogos de artifício, certames vários e importantes exposições de gados das mais variadas espécies, especialmente da raça bovina, em que a Huila era o principal produtor no conjunto nacional, a que também concorreriam criadores dos territórios vizinhos: Rodésia, Namíbia e África do Sul, com valiosos prémios para os melhores exemplares expostos.

Manuel Francisco Júnior

## Monumento em Coimbra

### a António Aleixo

(continuação da pág. 1)

No acto, usaram da palavra entre outros o Dr. Joaquim Magalhães, a quem Aleixo ficou devendo o seu lançamento, António Fernandes dos Santos, para lembrar o Poeta, em termos de como-vida alusão.

A sublinhar o acto, houve outros marcantes discursos, que despertaram viva comoção e fortes aplausos.

## Vende-se CASA

1.º andar com 4 assoalhadas na Av. José da Costa Meia, 123 — Loulé.

Nesta redacção se informa.

(6-6)

## TERRENO

Vende-se terreno para construção, na Rua Rainha D. Leonor. Tratar com Almerinda Pinto Barros — Estrada da Senhora da Saúde, 34-2.º Faro.

(3-3)

## Vende-se — Padaria

Com boa laboração e com anexo que pode servir para supermercado.

Trata: Maria José Nunes — Vale de Éguas — Almancil. Atende na parte da parte na residência junto.

MACHADO PINTO

## PARTIDAS E CHEGADAS

dedicado assinante em Arronches sr. João Miguel Redondo.

Vindo da Venezuela, onde há anos trabalha, deslocou-se ao Algarve em gozo de férias o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Amílcar da Silva Rocha.

De França, deslocou-se a Loulé a passar as suas férias, o nosso dedicado assinante sr. Orlando Cristina.

De visita a seus familiares em Betunes (Loulé) está a passar férias entre nós o nosso estimado conterrâneo e assinante, sr. Valdemar Guerreiro Madeira e sua esposa sr. D. Simonida Maria Pontes Pires Madeira.

## Frutos secos do Algarve

### AVISO

Considerando o que tem de grave para a produção e comércio a saída de frutos secos do Algarve que não reunem as condições de apresentação e conservação estabelecidas no decreto nº. 25 874 e tendo em atenção o procedimento anárquico de alguns comerciantes de ocasião sobretudo na comercialização de figo, a Junta Nacional das Frutas, vai tomar medidas que impeçam tal procedimento, mas não o quer fazer sem previamente tornar conhecidas as sanções previstas na lei.

As sanções em que incorrem os que fizeram sair frutos secos do Algarve sem a prévia verificação da Junta Nacional das Frutas as quais segundo o estabelecido no art. 36.º do decreto nº. 25 874, serão as seguintes:

«Todos os frutos secos do Algarve que forem encontrados nas regiões limítrofes da Província, nos cais de embarque ou em qualquer meio de transporte que se dirija para fora do Algarve sem a verificação a que se refere o art. 26.º, serão apreendidos e aos contratadores será aplicada multa...».

§ único — «A entidade expedidora será a responsável pelo pagamento da multa, que será igualmente aplicada à empresa transportadora...».

## HOMENAGEM

### ao Dr. Mário Lyster Franco

A Casa do Algarve e o Grupo de Estudos Algarvios, de Lagos, promovem no dia 8 de Setembro, em Faro, uma homenagem ao dr. Mário Lyster Franco.

Esta presigiosa figura intelectual algarvia vai ser objecto de uma grande manifestação de apreço pelos seus numerosos amigos e admiradores.

Numa tão justa consagração deste lídimo defensor dos interesses do Algarve estarão presentes as personalidades mais representativas da Província.

O elogio do homenageado será feito pelo académico algarvio, dr. Alberto Iria. No decorrer da cerimónia ser-lhe-á entregue o diploma de Sócio Honorário da Casa do Algarve.

## Fotografe as suas férias no Algarve

O Racal Clube com o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve lançou um concurso fotográfico destinado a todos os visitantes do Algarve, portugueses e estrangeiros.

Para concorrer os interessados apenas têm que fotografar quaisquer motivos do Algarve e remeter as fotografias ou diapositivos juntamente com os seus elementos de identificação (ou boletim de inscrição) para o Racal Clube — Silves — Algarve.

O prazo das inscrições termina no dia 31 de Outubro de 1978.

O concurso «Fotografe as suas Férias no Algarve» decorre nas modalidades fotografia a preto e branco, fotografia a cores, e diapositivos, sendo o primeiro prémio constituído por uma viagem para duas pessoas até ao Algarve e estadia num hotel de quatro estrelas durante uma semana.

Os inúmeros entusiastas da fotografia têm portanto mais um motivo para visitarem ou prolongarem a sua estadia no Algarve já que até ao final de Outubro podem concorrer a mais esta iniciativa do Racal Clube.

## VENDE-SE

Prédio, situado na Rua Miguel Bombarda, 1.º c. e 1.º andar. Contactar com José Silvestre — R. Martim Farto, 32 — LOULÉ.

(4-4)

## A RTI - RÁDIO TELEVISÃO INDEPENDENTE JÁ É UMA REALIDADE

(continuação da pág 1)  
ex-secretário de Estado João Gomes apareceu na Rádio, na TV e nos jornais estatizados a proclamar, ameaçador, que «não podia ser». E acrescentava: «Nenhum notário poderá fazer tal escritural»

Nenhum ministro salazarista nem nenhum inspector da PIDE faria melhor, para tentar impedir um notário, onde quer que ele suisse, de abrir uma tal possibilidade fosse a quem fosse. Mas o notário não tinha outra alternativa senão o cumprimento da Lei, na medida em que a Constituição de 1976 consagra direitos humanos, como a liberdade de expressão, e direitos cooperativos, privilegiando o sector cooperativo como a mais elevada forma da propriedade dos meios de produção, que não poderiam ser considerados letra morta...

Quando, consumada a escritura, o ex-Governo viu a ineficácia dos seus métodos, logo recorreu a outras formas de intimidação e repressão ao movimento da RTI, saindo com uma nota oficiosa para os jornais dando «rebucados» à RTI para se calar, como a promessa de que poderia ter antena de rádio, fazer programas para a Televisão, etc. — menos ter antena própria de TV... Vinte e quatro horas depois passava a TRI ao ataque, processando o Estado, por se pretender opôr a um direito claramente expresso na própria Constituição. Intentada a ação, o Estado já apresentou a sua Réplica e até a Tréplica, aliás com flagrante frouxidão de bases, chegando ao ponto de servir-se de falsas notícias saídas anonimamente nos jornais, tal a falta de consistência dos seus argumentos. A sentença tem já data marcada de leitura — o próximo dia 18 de Outubro.

Para além da luta pela antena de TV, tem a RTI desenvolvido uma série de iniciativas visando a sua rápida implantação em todo o país. Para além de estar a pressionar as autoridades no sentido da concretização da promessa da antena de rádio, requerendo superiormente o direito da frequência em onda média do extinto Rádio Ribatejo, e ainda outras duas frequências em onda média e duas em FM, a RTI tem já completo um audacioso (e necessário) programa de implantação de emissoras regionais em todas as capitais de distrito, o que corresponde, como se sabe, a uma ve-

lha aspiração das zonas mais desprotegidas do país. No nosso Algarve, sabe-se quanto têm resultado infrutíferas as inúmeras tentativas levadas a cabo antes e depois do 25 de Abril para se instalar em Faro, Portimão e Lagos, por exemplo, emissoras comerciais, que viveriam (tal como aliás os jornais da província) exclusivamente da publicidade angariada, sem subsídios nem taxas para o ouvinte. Segundo tudo o indica, a RTI obterá em breve para o nosso Algarve o alvará já requerido para vir a cobrir a nossa província de emissores e retransmissores que permitam levar a voz dos interesses da região a todos os pontos da nossa província.

Para além destes projectos, a RTI propõe-se modificar substancialmente o custo exorbitante desse autêntico negócio de contrabando em que se tem transformado a venda de televisores, rádios, gira-discos, máquinas de filmar e de fotografar, discos, cassetes, etc. Para isso, os estatutos da RTI obrigam-na a importar, produzir e comercializar sem lucro todos estes aparelhos, vendendo-os aos sócios pelo preço de compra ou de produção, o que significa a eliminação dos inúmeros intermediários. Acontece ainda que a RTI, como cooperativa, poderá vir a obter a própria isenção do imposto de transação, na medida em que as cooperativas não podem ter lucros e beneficiam de uma série de isenções, muitas ainda por cumprir, mas outras já em vigor (nomeadamente, a publicação de escrituras no Diário da República, que para uma empresa comercial custa os olhos da cara, para as operativas é totalmente grátil).

Qualquer pessoa estará interessada em entrar para a RTI na me-

dida em que comprará, com a economia de muitos contos de reis, tudo o que precisar no campo dos aparelhos audio-visuais, sem ter mais do que pagar 1000 escudos pela sua inscrição como associado de pleno direito (não pagando quotas nem joias suplementares).

Este autêntico «Ovo de Colombo» mete naturalmente medo às forças totalitárias que ainda sonham com o sol do passado ou com o sol moscovita. Mas alegra (de que maneira) todo o país real, que quer reconstruir esta nação velha de oito séculos, que já deu lições ao mundo, e não pode perder mais tempo na «corrida» necessária para apanhar, pelo menos, o comboio da Europa onde tantos milhões de portugueses já ganham hoje o pão de cada dia, para eles e para os filhos e mulheres e mães que cá deixaram.

«A Voz de Loulé» dará em breve mais notícias sobre a RTI e a sua instalação definitiva no nosso Algarve.

V. R.

## AOS DESCENTES

De: J. C. VIEGAS

Não posso olhar  
Os olhares descrentes  
(Naufrágio iminente?)  
Sem um gélido sentimento...

Paiam neles uma angústia  
E um apelo mudos  
Que dizem tudo  
Sem nada dizerem.

Há-os onde menos se espera  
No dobrar da esquina  
No formigar da rua  
Na caminhada diurna  
E na nocturna vigília...

Há-os como barcas perdidas  
Desgarradas e frustradas  
Na busca do seu Norte.

Intimamente desejo-lhes  
Não o milagre sem fé  
Mas o porto seguro que é  
O mundo límpido  
Da ventura.

## Recolha de fundos para o Instituto Português de Reumatologia

A recolha de fundos no Concelho de Loulé, destinados ao Instituto Português de Reumatologia rendeu a quantia de 4.050\$00.

A informação foi-nos prestada pelo próprio Instituto, que simultaneamente nos agradeceu a divulgação e colaboração prestada na oportunidade por este jornal.

## Precisa-se casal

Para uma horta, têm habitação. Boa localização e condições a combinar.

Informa António Gomes — Vale Judeu — LOULÉ — Telef. 62066.

## APARTAMENTO

Vende-se um apartamento de 4 assosalgadas, por estrear, situado na Rua José da Costa Guerreiro (transversal à Av. 25 de Abril) — LOULÉ.

Nesta redacção se informa.

## Vende-se

Terreno, com casas, próximo da estrada, sítio da Pedragosa — Loulé.

Informa: Francisco dos Santos Rodrigues, Goldra de Cima — LOULÉ.

## APARTAMENTO

Vende-se um 1.º andar, acabado de construir c/ 4 assosalgadas e (chave na mão), situado na Rua Poeta Aleixo (Transversal da Avenida J. Costa Mealha).

Nesta redacção se informa.

(2-1)

## APARTAMENTOS

Alugam-se ou vendem-se apartamentos disponíveis durante os meses de Outubro a Junho.

Em Quarteira.  
Tratar nesta redacção.

(2-1)

## FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» do Dr. Ataíde Oliveira

Contamos seja breve a aparição neste jornal do folhetim «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», obra literária de nomeada da autoria do Dr. Ataíde Oliveira.

Logo de seguida, concluído que seja a inserção do folhetim, propõe-se este jornal lançar a referida obra a lume sob a forma de

livro, sendo nele incluído uma rara fotografia do autor e uma bem elaborada biografia da lavoura de J. V. A. M. que já foi publicada por este jornal.

Mantém este semanário, entretanto, aberta a inserção para reserva da aquisição da edição acima aludida.

## A estratégia da Aminter (multinacional luso-soviética) na greve da Marinha Mercante

A greve às horas extraordinárias na Marinha Mercante, que tem atingido duramente a economia nacional nas últimas semanas mas não é afinal do que uma nova manobra inspirada pelo Partido Comunista com vista à destruição desse importantíssimo sector, bem como em última análise, a abalar talvez definitivamente as frágeis estruturas que têm resistido à continua degradação da nossa economia.

A conhecida tática de pressões de baixo e de cima, das bases e das cúpulas, «sufocando» a actividade que está no meio, tem sido usada como sempre e ao que parece com plenos resultados. Se não vejamos: por um lado o PC neutraliza a adesão de dois importantes órgãos que controla — a Inter e o Sindicato dos Oficiais Maquinistas — para não poder ser acusado de provocar a greve, mas «accionar» a poderosa Federação dos Sindicatos do Mar que leva a cabo a greve.

Greve que se limita às horas extraordinárias, dando-lhe uma aparência «civilizada» e muito mais inofensiva do que que real-

mente. É. Cóm efeito, atendendo a que nos períodos de atracagem a tripulação tem de acompanhar 24 horas por dia as operações de carga e descarga há sempre uma parte dos trabalhadores que está a fazer horas extraordinárias pois estão divididos normalmente em três turnos.

Por outro lado, através de complexos instrumentos de que se foi munido, pelo menos com o assentimento do Governo socialista português — a Aminter, «cavalo de Tróia» da URSS no nosso País no que diz respeito a este sector — vai destruindo por cima as empresas nacionais, desviando os fretes que, efectivamente as companhias nacionais não podem fazer.

Em termos simplistas, mas directos, para que o público se possa aperceber do que realmente se está a passar, terá de se explicar também que a Aminter é de facto um «braço» do expansionismo soviético, apesar da participação maioritária nacional no capital da empresa. Aliás, para além de fazer parte de uma poderosa multinacional soviética que tem «delegações» e ramificações por todo o Mundo. A própria Aminter, por sua vez, criou já em território nacional as suas subsidiárias implantadas desde Viana do Castelo e Porto até ao Algarve e Madeira.

De mais esta «jogada» facilmente se confirma mais uma vez que o P. C. P., ao pretender acabar com as multinacionais ocidentais, apenas pretendia substituí-las pelas da URSS, não lhe interessando absolutamente nada os interesses dos portugueses mas lutando (isso sim) pelos interesses dos seus patrões soviéticos.

Assim se vê também que não há, da parte da União Soviética, qualquer interesse em espalhar a doutrina comunista, pois apenas a aproveita para defender os seus interesses económicos e de expansão imperialista.

J. O. I.

## Terreno para construção

Vende-se terreno, aprovado para construção de 2 moradias, no sítio de Garrão (entre Vale do Lobo e Quinta do Lago), com cerca de 12 000 m<sup>2</sup>.

Tratar na Urbanização Abertura Mar, Lote B — Apartamento 56 — QUARTEIRA.

## APARTAMENTOS

Alugam-se 2 apartamentos, por estrear, situados na Gonçinha, com comodidades modernas e um armazém de 110 m<sup>2</sup> no mesmo local.

Tratar com Dionísio Barros Viegas — Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 22 — LOULÉ (a partir das 18 horas).



Quando conduzir um veículo pesado e ao aperceber-se de que pretendem ultrapassá-lo, faça sinal com o pisca-pisca de esquerda se considerar essa manobra perigosa.

A sua ajuda pode evitar um acidente.

## VIDAS RETALHADAS

Minhas tristes lágrimas sem conforto ao desamparo entre ignoradas gentes são ais de alma inconsolável ausência de amigos na solidão do tempo Longe por esses suspiros do oceano há olhos tristes e mãos trémulas escrevendo palavras e consolações homens com suas linhas puras estalando por dentro e rindo por fora Tistos lágrimas como as minhas sentindo o mesmo amor, a mesma saudade erguendo estátuas e praças sem fim onde a leve borboleta rompe com suas cores a lindeza aparente de vidas retalhadas.

LUÍS PEREIRA

## Porque tanto tarda a Biblioteca-Museu de Loulé?

(continuação da pág. 1)

nhos escentados, e as razões imperativas alegadas, quando, em suma, tudo faria crer num «volte-face» radical do marasmo até ali presentido, eis que muito pouco se conseguiu em relação ao ambicionado desígnio exposto sob o binómio «biblioteca-museu».

Julgamos que por pouco faltou a elogiosa tentativa posta ao serviço da causa cultural, que bem merecia muito melhor sorte.

É evidente que não pretendemos esmiuçar os motivos que empurraram, pelo menos a «ideia-museu», já que a «ideia-biblioteca», chegou a vingar embora precariamente. É frisante, neste aspecto, que embora se tenha criado em tempos atrás o lugar de bibliotecário, ou quem as suas vezes faga, a biblioteca ainda funcione em moldes de «arquivo de livros», pois as suas instalações não fornecem margem a uma imprescindível e condigna sala de leitura.

Até ao momento a «ideia-museu» ficou a pairar, apenas, e não

## CASTRO MARIM erige monumento à música

(continuação da pág. 1)

um plinto de mármore preto, em forma de tronco de pirâmide, uma esfera armilar e uma lira (símbolo da música).

Terra de demarcado gosto musical, Castro Marim conta com a Sociedade Recreativa Popular, entidade promotora do monumento citado, que mantém em actividade de uma banda filarmónica de 30 figuras, uma escola de música de 26 alunos e um rancho folclórico com 16 pares.

No cerimónia do descerramento do citado monumento, presidida pelo governador civil de Faro, foi com música e danças que a terra assinalou o acontecimento.

tenderá, a despeito do desinteresse reinante, do deixar correr, a fener.

Temos, naturalmente, é de retirar destes precedentes a experiência e até os ensinamentos que o seu esporádico malogro insinuam.

Reconhece-se, implicitamente, que não será tarefa fácil (mas não utópica certamente) devolver prémios e competências indubbiavelmente existentes, neste preciso sentido.

Temos mesmo a percepção, que aparentemente acomodados ao pretenso ostracismo em que caiu este projecto, há entidades de valia que aguardam uma oportunidade mais favorável, propícia à concretização do museu, para intercederem em seu favor.

Lamentavelmente, constatamos, que para o seu património já se perderam variados e preciosos espólios. Outros mais estão em vias disso...

Con quanto tarde em demasia a sua instalação, não descremos que mobilizadas sejam as determinações e vencidas as fases preliminares, o museu de Loulé venha enquadrar-se no campo das realidades exponenciais desta histórica Vila.

Basta que um grupo voluntariado e esclarecido, se lance, em termos práticos e expeditos, na senda da sua objectivização.

O resto virá, como soi é dizer-se, por acréscimo.

Assim o admitimos.

J. C. VIEGAS

### Vende-se

Courela com 300 m<sup>2</sup>, no sítio de Vale das Rãs, com frente para a Estrada.

— Uma propriedade c/ mato e terra de semear, no sítio do Concelho.

Nesta redacção se informa.

## José Rodrigues Peres & Filhos, Lda.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifco para efeitos de publicação, que por escritura de 14 do mês corrente, lavrada de fls. 1 a 10, v.<sup>o</sup>, do livro n.<sup>o</sup> C-102, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, que gira sob a firma de «José Rodrigues Peres & Filhos, Lda», depois de procederem à rectificação, ratificação de diversos actos, e à partilha das quotas do sócio Sebastião Rodrigues Marques, inteiramente de acordo, resolvem:

Unificar as quotas da sociedade numa quota do valor nominal de 12 500\$00;

Aumentar o capital social de 30 000\$00 para 50 000\$, subscrivendo a sócia Clementina Leal Careto Marques, uma nova quota do valor nominal de 20 000\$00;

Unificar as quotas adjudicadas à actual sócia Clementina Leal Careto Marques, com a nova quota por ela subscrita, numa quota única do valor nominal de 27 500\$00;

Nomear gerentes da sociedade as actuais sócias Clementina Leal Careto Marques Leal e filhas, Maria Clementina Marques Grade e Maria do Rosário Leal Marques

Galiza Carneiro;

Proceder à remodelação total do pacto social, que ficou com a seguinte redacção:

Primeiro — A sociedade continua a adoptar a firma de «José Rodrigues Peres & Filhos, Limitada», e tem a sua sede e estabelecimento comercial na Praça da República, desta vila e freguesia de São Clemente;

Segundo — A sociedade tem o seu início desde a data da sua constituição — ou seja desde trinta de Junho e mil novecentos e vinte e quatro — e durará por tempo indeterminado;

Terceiro — O objecto social consiste no comércio de compra e venda de obras de palma e esparto e em rama, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e seja permitido por lei;

Quarto — O capital social inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escrita é de cinquenta mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

Uma de doze mil e quinhentos escudos, pertencente à própria sociedade «José Rodrigues Peres & Filhos, Limitada»;

Uma de vinte e sete mil e quinhentos escudos, da sócia Clementina Leal Careto Marques;

Uma de cinco mil escudos, da sócia Maria Clementina Leal Marques Grade;

Outra de cinco mil escudos da sócia Maria do Rosário Leal Marques Galiza Carneiro;

Quinto — Não serão exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa Social os suprimentos que esta necessitar, os quais vencerão o juro anual a convencionar;

Sexto — 1. A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral;

2. Qualquer sócio gerente poderá delegar todos ou

parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender;

3. Para obrigar validamente a sociedade é necessária e suficiente a assinatura da sócia gerente Clementina Leal Careto Marques ou seu procurador, podendo, no entanto, os actos de mero expediente, ser assinados por qualquer sócio gerente ou seu procurador;

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de falso e outros semelhantes;

Sétimo — A cessão de quotas fica independente do consentimento da sociedade, à qual é, em todo o caso, reservado o direito de preferência. O sócio que quiser ceder a sua quota assim o comunicará à assembleia, declarando-lhe o nome do adquirente e o preço que lhe é oferecido e a qual resolverá sobre se a sociedade consente ou não na cessão e, no caso afirmativo, se deve ou não optar. Não usando deste direito de preferência a sociedade, este competirá a qualquer dos sócios, e, querendo-o mais de um, a quota será dividida pelos que a quiseram, conforme for legalmente possível;

Oitavo — As reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 21 de Agosto de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## PRESUNTOS

Vendem-se presuntos, queijos, queijinhos de ovelha e carnes fumadas tudo produtos da região. Casa Cavaco — Carregueiro — Baixo Alentejo.

(4-2)

## ALUGA-SE

Alugo armazém com 220 m<sup>2</sup>. Tem portão com entrada para camiões c/ carga. No sítio do Palhanito em Loulé.

Tratar no local.

(3-3)

## APARTAMENTO

### VENDE-SE

Com 4 assoalhadas e 2 casas de banho.

Urgente. Motivo à vista.  
Telef. 62482 — LOULÉ.

### VENDE-SE

2 courelas com árvores de fruto e terras de cultivo, ambas servidas pela estrada da fábrica de cimento «CISUL».

Trata António Manuel Conceição, R. Carvalho Araújo, 101-2.º, Esq.º, — LISBOA — Telef. 843776.

(5-2)

**CARIMBOS**

Executam-se na

**GRÁFICA LOULETANA**

R. Marechal Gomes da Costa

Telef. 82536 — LOULÉ

# TURISMO — Que futuro?

(continuação do número anterior)

**AGÊNCIAS DE TURISMO** — Há junto de postos aduaneiros pessoal habilitado para prestar as primeiras informações? Julgamos ser negativa a resposta. Ora o turista, ao pisar terra portuguesa, precisa de alguém, natural e culturalmente dotado, para o elucidar sobre a melhor maneira de gozar as suas férias em Portugal. Nos postos que conhecemos, parece nada disso existir.

**VIAS DE COMUNICAÇÃO** — Que se têm feito para melhorar a rede de estradas que ligam locais de maior interesse turístico? Não podemos dizer que se não faz nada, mas o pouco que se fez, é tão pouco, que nada é, realmente. Ao fazermos esta afirmação estamos a circunscrever-nos, evidentemente, à província onde nos situamos — Algarve. A exceção da E. N. Faro-Portimão onde se tem procedido ao alargamento das bermas, mas com uma morosidade impressionante, podemos afirmar que, para além disso, pouco se tem feito. Nem a E. N. que dá saída à fronteira de Vila Real de S. António, com troços estreitos e de mau pavimento, tem merecido as atenções de quem governa. E vale a pena perguntar se a construção de auto-estradas, que fica por preços astronómicos, é uma medida economicamente acertada, pois o investimento que nelas se faz cerca o dispêndio que se deveria efectuar com a melhoria das restantes redes das estradas do País.

**PRAIAS** — Objectivo n.º 1 do nosso turismo,

Que melhoramentos lhes foram introduzidos? Ao alcance da nossa vista, nenhum. Os banhistas bronzeiam-se ao sol acariciador e refrescam-se nas águas tépidas do oceano. Gozam do que a Natureza lhes oferece, pródiga e gratuitamente. Limpeza não se faz. E a areia onde brincam as crianças e os adultos (por que outros divertimentos não há), que deveria conservar-se limpa, é receptáculo de lixo, porque recipientes próprios não existem, nem algumas delas.

Água doce canalizada, para banho de chuveiro, também não existe, mau grado dos banhistas, na maior parte delas.

Sanitários para acudir a uma indisposição, onde estão eles?

Vias de acesso para automóveis, em algumas delas, esperam pacientemente pela sua construção. Como esperam os parques de estacionamento. Pois é esta a panorâmica que se nos apresenta. É de facto uma triste realidade que temos de aceitar, embora nos custe. Continuamos estúpida e indignadamente a assistir ao espetáculo repugnante e indecoroso de ver lançar nas suas águas os objectos dos esgotos e fossas, sem que, para o evitar, se tenha tentado fazer alguma coisa. Já não falamos em recintos que ajudem a passar o tempo da melhor maneira o que seria desejável e motivo de interesse e de atenção.

## COMEMORAÇÃO do I Aniversário do Rancho Infantil de Loulé

No passado dia 15 do corrente, decorreu na sede do Grupo dos Amigos de Loulé (provisória) uma sóbria festa comemorativa do I aniversário do Rancho Folclórico Infantil de Loulé.

No transcurso da mesma foi distribuído um lanche aos miúdos e oferecidas 50 fotografias do grupo, devidamente emolduradas.

A ocasião ofereceu o ensejo de homenagear o Rancho e os seus componentes, bem como proporcionou aos pais dos miúdos momentos de cordial convívio.

Tanto ao Grupo dos Amigos de Loulé, como ao seu Rancho Folclórico Infantil, endereçamos as nossas efusivas felicitações, desejando a todos os seus componentes a continuação da sua brilhante carreira.

para com os seus frequentadores. Mas que o estritamente essencial seja feito, não será de exigir nem muito menos de se agradecer, pois é um dever do Executivo.

Quando chegará o dia em que nos deixaremos de interrogar sobre o futuro do turismo em Portugal? Se, assim, continuar o programa de acção turístico cremos que não virá longe o dia em que nos tenhamos de lamentar da inérvia e ineficácia de quem tem gerido um sector de vital importância para o País. Talvez pequemos por excesso de optimismo. Oxalá que sim.

Como é sabido, o turismo é uma das maiores fontes de receita que muito pode vir a contribuir para atenuar o desequilíbrio da nossa balança de pagamentos com o estrangeiro e melhorar, consideravelmente, as condições de vida do seu povo. Mas não será com uma política de carências, de toda a ordem, que essa aspiração poderá concretizar-se.

Não há infra-estruturas que acompanhem o crescimento turístico. O saneamento básico, único meio de evitar a poluição das águas das praias, a que já fizemos referência e a proliferação de mosquitos que na época quente infestam todas as casas, tornando-se um flagelo incômodo para quem precisa de dormir, é quase inexistente; o abastecimento de água, em quase todas as localidades, é precário e deficiente, chegando mesmo a faltar no verão; quanto a energia eléctrica, verifica-se o mesmo fenômeno, com a diferença de que as faltas, constantes, verificam-se no inverno, precisamente porque as linhas condutoras atingem o estado de saturação, e as instalações, velhas, não aguentam as alterações atmosféricas.

«Temos por vezes a sensação de que o Algarve cresceu demasiado depressa, em termos turísticos, e que os poderes públicos não puderam ou não souberam acompanhar o crescimento explosivo que se verificou» — comentou o sr. Ministro do Comércio e Turismo na sua última visita à Província do Algarve. Parafraseando esta afirmação nós diremos que «não quiseram», talvez, porque há bens que nem sempre interessam. Mas a verdade manda que se diga, que continuamos a seguir uma política sem viabilidade de êxito porque enferma dos mesmos males.

Não é só a construção de ho-

teis que resolve o problema turístico, em qualquer parte do mundo, embora contribua para o seu progresso e desenvolvimento. Não é só o bom sol e as praias soalheiras e de areia fina que chegam para solucionar o problema, embora sejam factores proeminentes do seu progresso e poderosos meios de atracção. É algo mais, por vezes, de valor relativo e somenos importância, que não põem em causa a escassez de meios financeiros embora os não dispensem. É, sim, todo um programa de acção, realista, gizado com saber e inteligência, por quem entenda do assunto, dotado dos meios financeiros suficientes, e efectivado a nível regional com prioridade para as necessidades mais prementes.

Isso, sim, dará a Portugal as condições indispensáveis para se tornar num autêntico país de turismo.

Neste breve apontamento em que abordámos, muito pela rama, alguns aspectos do turismo, entre nós, não foi nosso propósito ferir susceptibilidades, mas tão somente apontar deficiências, levantar sugestões e, sobretudo, chamar a atenção dos responsáveis para o grave problema.

Oportunamente outros aspectos do turismo nacional serão abordados.

Montechoro, 13 de Junho de 1978.

G. C.

**NOTA** — Esta crónica foi escrita em 13 de Junho p. p., perdendo algo da sua actualidade. O essencial, no entanto, mantém-se. Poderemos acrescentar que as interrupções de fornecimento de energia eléctrica e de água na área de Albufeira, nomeadamente em Areias de S. João e Montechoro durante o mês de Julho passado, foram constantes, quase diariamente, enquanto nos lugares próximos isso se não verificou. Perguntemos, em nome dos lesados, por quê, pois assiste-nos o direito de sermos informados. Parece-nos, ainda que esses cortes deveriam ser feitos com prévio aviso, pois há empresas que foram altamente lesadas e a reputação turística muito abalada — e a horas que não causassem prejuízos e incômodos como os verificados. Quando acabarão tais anomalias e prepotências, é a pergunta que fica no ar. E indemnizações aos lesados, não se usa?

Montechoro, 1 de Agosto de 1978.

## VAI REALIZAR-SE DE NOVO O CONCURSO INTERNACIONAL DE HIPISMO NA PENINA (ALGARVE)

Na sequência da triunfal temporada da Federação Equestre Portuguesa, que se iniciou em Janeiro com o «Dumping» Internacional de Lisboa e tem tido momentos de grande interesse, entre outros locais, em Guimarães, em Santarém, em Braga, em Coimbra, na Figueira da Foz, nas Pedras Salgadas em Setúbal, e, mais recentemente, na Póvoa de Varzim, em Oliveira de Azemeis e em Cascais — vai agora ter lugar, nos princípios de Setembro (de 5 a 10) o já tradicional Concurso de Saltos Internacionais da Penina, no Algarve.

Conta-se, desde logo com a inscrição dos melhores cavaleiros portugueses e de alguns estrangeiros de nomeada, principalmente espanhóis e ingleses, aguardando-se também, se possível, a presença de um representante dos Estados Unidos da América do Norte e de um concorrente cubano.

No primeiro dia (5 de Setembro) e no dia 7 realizar-se-ão provas reservadas apenas a cavaleiros nacionais.

No dia 7 disputar-se-á o «Derby» (Grande Prémio da Comissão Regional de Turismo do Algarve) com participação de concorrentes portugueses e estrangeiros.

Por seu turno, nos dias 9 e 10, sábado e domingo, respectivamente, a Televisão transmitirá directamente do Campo de Saltos da Penina a luta viva e animada dos melhores cavaleiros no «Grande Prémio da Direcção Geral de Turismo» e no IV Campeonato de Salto em Altura, que se costuma revestir de muita emoção.

Em 1978, portanto, o Turismo no Algarve regressa aos seus tempos áureos, com a efectivação das provas hípicas que, cada vez, têm mais impacto junto do grande público de todas as camadas sociais, praticamente no Mundo inteiro.

## JOSÉ GUERREIRO FARRAJOTA CAVACO

Por lamentável lapso tipográfico, saiu incompleta a notícia que publicámos neste jornal a propósito do falecimento deste nosso prezado amigo e assinante, pois faltou mencionar que era casado com a sr. D. Maria Elisa Marim Teixeira Cavaco.

Dá involuntária falta cometida apresentamos as nossas desculpas.

## II - AVALORIZAÇÃO DA MADEIRA DE OLIVEIRA

(continuação da pág. 1)

tas executar os referidos artefactos.

Como se trata de uma madeira muito rija e duradoura e sobretudo os turistas nórdicos não a possuem, a venda dos referidos objectos artísticos e de utilidade doméstica é grande.

Aliás as oliveiras existentes ali, como também as de Espanha continental, são normalmente rebaixadas e em forma de taça, o que não só facilita a apanha dos frutos como aumenta a sua produção em azeite, em virtude da circulação da seiva ser maior no sentido horizontal, do que no vertical.

Na nossa Província, como em outras províncias do País — com exceção das zonas privilegiadas dos distritos de Castelo Branco e do Alentejo, as oliveiras dispersas pelo terreno, enquanto em Espanha, normalmente, as oliveiras dispõem-se em pomar.

E como o Algarve é já a zona de maior densidade turística, de estrangeiros, como demonstra a

estatística de dormidas de 1976, com 46% de todo o Continente 1 003 000, contra 856 000 no distrito de Lisboa, 99 000 no distrito do Porto e 239 000 no resto do Continente), deveria ser no sul que se deveriam montar as referidas oficinas e lojas de artefactos de madeira de oliveira.

Concerteza que as oficinas de marcenaria e carpintaria das Escolas Industriais do Algarve devem dispôr de artistas especializados para tornarem em realidade o que acima se diz.

No nosso País o Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos supervende, nos termos do seu decreto orgânico n.º 426/72, de 31 de Outubro, a economia da oliveira e seus produtos, azeitona, azeite e do óleo de bagaço. E embora aquela lei não faile no aproveitamento da madeira de oliveira, dispõe aquele Organismo de elementos estatísticos e dados fornecidos pela Estação de Olivicultura de Elvas, referentes à maior produtividade das oliveiras velhas, depois do seu rebalhamento, como atraímos.

Pela estatística do número de oliveiras de 1954 verifica-se que nesse ano elas eram em todo o País cerca de 50 milhões — e que o Algarve possuía 1 282 000.

O azeite produzido em 1973/74 foi em média, no Algarve, de 12 981 hectolitros, mais elevado no entanto que o distrito de Aveiro, 2 672 hectolitros; Braga, 4 487; Lisboa, 2 623; Porto, 2 511; Setúbal, 6 023; Viana do Castelo, 4 736 hectolitros. E em todo o País, 491 544 rectolitros.

A oficina Art-Olivo obrigatoriamente visitada pelos turistas que fazem o circuito de Palma de Maiorca a Porto Cristo, às Grutas e à cidade das pétrolas, demonstra que na ilha de Maiorca o turismo está ligado ao aproveitamento das potencialidades industriais daquela ilha do Mediterrâneo, e que poderia servir de exemplo para o turismo algarvio.

A. S. P.

## COBRANÇAS

### DE ASSINATURAS

(continuação da pág. 1)

sulte em pura perda, desde já agradecemos a todos os nossos prezados assinantes o especial favor de se esforçarem por evitar a devolução dos recibos, embora reconheçamos que, em altura de férias, não será a época mais propícia para cobrar recibos pelos C.T.T.

Mas o nosso apelo também é dirigido muito especialmente aos nossos assinantes no estrangeiro, para quem a remessa de «A Voz de Loulé» representa hoje um peso encargo — e grande prejuízo quando as assinaturas ficam por liquidar.

É por isso que agradecemos aos nossos prezados assinantes que querem ter a gentileza de liquidar directamente o custo das suas assinaturas, cujos preços são os seguintes:

EUROPA	
Semestre .....	250\$00
Ano .....	500\$00
EUROPA — AVIÃO	
Semestre .....	300\$00
Ano .....	600\$00
BRASIL — AVIÃO	
Semestre .....	350\$00
Ano .....	650\$00
OUTROS CONTINENTES	
— AVIÃO	
Semestre .....	350\$00
Ano .....	700\$00
PORTUGAL	
Semestre .....	130\$00
Ano .....	260\$00